



EDUCAÇÃO EM VALORES NA ERA DO CONHECIMENTO

Mário Sérgio Vasconcelos¹

Atualmente fala-se muito sobre crise de valores, necessidade de recuperar bons valores de outrora, construção de novos valores socialmente desejáveis, mas nem sempre é fácil conceituar “valores” em função de sua complexidade. Explorar esse tema inclui fatores culturais, econômicos, políticos, religiosos, sociológicos, institucionais, educacionais e psicológicos, bem como questões diretamente relacionadas às relações humanas. Cabe aqui, então, uma primeira questão: como definir valores?

Seguindo Jean Piaget (1974), poderíamos dizer que valores representam o investimento afetivo que o sujeito projeta nos objetos, nas pessoas ou mesmo numa ideia que, se permeada de afetividade, se tornam valores. Uma escultura, por exemplo, pode assumir, para determinado indivíduo, um enorme valor simbólico; para um adolescente, um ídolo pode representar o maior dos valores; justiça e solidariedade, conceitos mais abstratos, são ideias propagadas como valores na maioria das sociedades. No decorrer da história, quase sempre, o conhecimento também é considerado um valor.

De um modo geral, pode-se afirmar que onde existem relações humanas existe projeção de valores. Então, se propomos uma discussão sobre a construção de valores na escola, estamos propondo uma discussão muito básica, já que não existe nenhuma escola onde não haja relações humanas, portanto que não veicule valores. Assim, a instituição escolar, inevitavelmente, é um local de construção de valores.

Partindo de tais pressupostos, torna-se quase sem sentido perguntar se é papel da escola investir num projeto pedagógico que leve em consideração a construção de valores, pois sempre existe construção de valores nesse contexto, sejam eles positivos ou negativos. Desse modo, a pergunta que deve perpassar a instituição escolar é: *quais valores devemos eleger para que possamos orientar nossas práticas pedagógicas e promover condutas de cidadania na contemporaneidade?*

Dado o caráter abrangente dessa questão, avançarei, neste ensaio, defendendo a ideia de que, atualmente, as relações que conduzem à autonomia, ao pensamento crítico e à cidadania, no âmbito da instituição escolar, estão diretamente ligadas à proposta de uma escola formadora que possa investir na construção de valores e ultrapasse a esfera de uma escola apenas instrucional. E, a meu ver, o professor tem papel central nesse processo, construindo valores: aquele que deve perceber, compreender e propagar e incentivar valores socialmente desejáveis.

Três argumentos sustentam essa proposta: o primeiro está relacionado ao papel que se exige da escola na contemporaneidade, na “era da informação”. O segundo, a necessidade atual de se compreender a escola como espaço constituinte de desenvolvimento humano. O terceiro está no fato de que a autonomia crítica do professor e do aluno são fatores indissociáveis e podem se fortalecer com projetos

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FCL/Assis/UNESP. Doutor em Psicologia do Desenvolvimento pela USP e Pós-doutor em Processos Cognitivos pela Universidade de Barcelona.



pedagógicos voltados para a construção de valores. Vejamos as implicações desses argumentos.

A escola de hoje

Hoje é fácil perceber que a sociedade contemporânea passa por um momento em que as mudanças são muitas e muito rápidas. Vivenciamos uma plena era da informação. Enfim, estamos no terceiro milênio, globalizados e numa sociedade tecnológica, virtual e de mercado que freneticamente prega a “modernização”, independente do fato de tal modernização trazer felicidade, ilusões, sofrimento ou infelicidade para milhares de pessoas. Na realidade, atualmente as mudanças são tantas que podemos dizer que hoje vivemos não uma época de mudanças, mas uma mudança de época.

Tal contexto faz com que muitas pessoas se sintam inseguras quanto ao futuro, não sabendo em quem e em que acreditar. No âmbito escolar, a dúvida e a insegurança também compõem seu cotidiano, pois a escola é uma instituição criada pela sociedade e, conseqüentemente, é influenciada pelas mudanças sociais. Por isso, mesmo que lentamente, modifica-se com as mudanças históricas, políticas, econômicas e tecnológicas. Desse modo, é preciso pensá-la em seu tempo, no contexto histórico no qual ela está inserida.

No conjunto das instituições contemporâneas, uma constatação merece destaque: entre as instituições tradicionais, muitas estão em franco declínio ou desprestigiadas, porém a escola continua sendo extremamente valorizada no imaginário social. Ela resiste aos ventos dos novos tempos, mais do que até mesmo a família. É vista como imprescindível para o atendimento de demandas sociais, para a transmissão formal dos saberes científico e cultural, para a formação intelectual e o desenvolvimento da autonomia dos alunos. Continua sendo percebida como elemento chave de formação do indivíduo para o futuro da sociedade. Por isso, a situação da criança e do jovem fora da escola é tida como muito grave. Afinal, hoje, por figura de lei, *lugar de criança e do jovem é na escola*.

Tal constatação traz várias conseqüências para a escola. Como nunca, ela está sendo solicitada a absorver as mais diferentes funções em substituição a outras instituições que também passam por mudanças, como, por exemplo, a família. Por isso está sendo expandida para acolher as crianças mais novas e recai sobre ela a responsabilidade de formação integral dos alunos, ou seja, é encarregada de zelar pelo desenvolvimento da criança e do jovem no plano cognitivo, emocional, afetivo, social e tantos outros tidos como necessários para a formação do sujeito desse tempo. Sem dúvida, esse é um fardo novo e pesado, mas é uma reflexão que se faz necessária e que conduz à seguinte indagação: como a escola pode ultrapassar o caráter apenas instrucional e se transformar numa instituição formadora?

A escola e o desenvolvimento humano

É inevitável conceber a escola como representante de seu tempo. Dada sua posição de destaque, como a escola poderá dar conta de tantos afazeres? Nesse contexto, como agir para não sucumbir seu projeto de formar sujeitos autônomos, críticos e competentes para o exercício da cidadania?

Sabemos que o desenvolvimento cognitivo, emocional e afetivo do ser humano não é apenas uma tarefa da família, mas de todas as instituições envolvidas no processo interativo de socialização pelo qual passa o ser humano. Hoje, mais do que



nunca, isso inclui a escola e os outros agentes institucionais que a compõem. Mas quais princípios psicológicos devem ser destacados pela escola em um projeto de socialização para a autonomia do sujeito?

Há anos a ciência do desenvolvimento mostrou que o ser humano é ativo no processo de construção do conhecimento (PIAGET, 1964; WALLON, 1989, VYGOTSKY, 1989; FREIRE, 2005). Portanto, para ir ao encontro das necessidades e interesses do ser humano devemos promover projetos que favorecem a atividade do sujeito em busca do conhecimento. Trabalhar numa vertente ativa pressupõe, no mínimo, uma visão *interacionista* de sujeito. É através da interação entre sujeito e o mundo externo que ocorre o processo de construção de novidades e do conhecimento. O sujeito educador ativo é um educador em processo, em formação. Desse modo, se quisermos que os educadores sejam adultos seguros de suas convicções e não indivíduos conformistas e passivos, devem-se criar contextos que levem em consideração o processo ativo de sua ação e formação. Da mesma maneira, para que os alunos possam ser ativos, há que haver condições para que se desenvolvam enquanto construtores de conhecimentos. Nesse sentido, a escola deve possuir um projeto político pedagógico que vise à autonomia do professor e à autonomia do aluno.

Conhecimento e valor

O fato de, cada vez mais, a sociedade atribuir mais responsabilidades para a escola, não significa, em consequência, que se delega maior autoridade aos professores. Atualmente a maioria das escolas protagoniza a formação de um aluno crítico, que possa exercer sua cidadania e estar atento à complexidade do mundo contemporâneo, mas muitas vezes se esquecem de tematizar a autonomia do próprio professor, fato que implica, necessariamente, uma reorientação de valores. Como afirmamos, a escola, inevitavelmente, lida com valores: os alunos têm valores internalizados, professores têm valores em suas condutas e falas, a instituição escolar pressupõe valores. Como trabalhar com valores para que esses possam proporcionar a autonomia moral dos indivíduos que convivem na instituição?

Sabemos que os valores morais vêm do respeito que atribuímos às regras. No processo de desenvolvimento do indivíduo, configura-se a possibilidade de respeito mútuo. Entre jovens e adultos, por exemplo, há grande chance de interação de um com o outro agindo de forma cooperativa. A cooperação (cooperar com) contribui para a descentração do ser humano. Possibilita ao sujeito perceber o outro, levar o outro em consideração. Assim, do ponto de vista valorativo, a cooperação pode conduzir à solidariedade e à reciprocidade nas relações, resultando no surgimento de uma autonomia progressiva de consciência, que poderá prevalecer sobre o indivíduo individualista e egocêntrico, que era apenas voltado para ele mesmo.

Ser autônomo moralmente significa poder analisar criticamente a existência e/ou obrigatoriedade das normas e o significado de suas ações. Isso implica que, para que um cidadão possa tornar-se crítico, há necessidade de tematizar o conhecimento como valor, o papel da escola, a autonomia do professor, a autonomia do aluno, as questões sociais relativas à cultura em que a escola está inserida, as relações democráticas e o exercício da cidadania.

São esses aspectos que estamos interessados em debater com os colegas educadores contemporâneos. Talvez, com estas reflexões, possamos contribuir para a construção de uma educação transformadora e de valor.



Bibliografia

CORDEIRO, A. C. F. (org.). *NUCEPC - 30 anos, 30 ideias: reflexões e práticas sobre infâncias, adolescências e juventudes*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2014.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JUSTO, J. S. e outros. *Indisciplina e Disciplina: ética, moral e ação do professor*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1974.

VASCONCELOS, M. S. (org.) *Criatividade: psicologia, educação e conhecimento do novo*. São Paulo: Moderna, 2007.

VASCONCELOS, M. S. Ousar brincar. In: ARANTES, V. A. *Humor e alegria na educação*. São Paulo: Summus, 2006, p. 57-74.

VERÍSSIMO, L F. e outros. *O desafio ético*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, H. *As origens do pensamento da criança*. São Paulo: Manole, 1988.